FIDES REFORMATA XXX, Nº 1 (2025): 57-75

Como Ler as Narrativas Bíblicas? Pré-requisito para pregação no gênero

*Valdeci Santos**

RESUMO

Este artigo trata da leitura das narrativas bíblicas a partir de uma perspectiva teológica e literária, com vistas à sua adequada interpretação e aplicação, especialmente na pregação. O autor parte da observação de que o ser humano é naturalmente atraído por histórias, as quais exercem funções fundamentais como formação da identidade, coesão comunitária, transmissão de valores, interpretação da realidade e denúncia de injustiças. As narrativas bíblicas, porém, diferenciam-se das histórias comuns por fazerem parte de uma metanarrativa: a história da redenção, cujo centro é a pessoa de Jesus Cristo. O texto argumenta que toda narrativa bíblica deve ser compreendida dentro desse contexto redentor maior e propõe que três elementos básicos devem orientar sua leitura: o *contexto* (geográfico, temporal e cultural), os *personagens* (com ênfase na centralidade de Deus) e o *enredo* (com seus conflitos e resoluções que apontam para realidades espirituais). O artigo, também, propõe uma metodologia de leitura que inclui a oração dependente do Espírito Santo, a atenção ao propósito teocêntrico das narrativas, a análise da estrutura e conteúdo literário, e a consideração da aplicação prática. Além disso, o texto alerta contra abordagens reducionistas, como o moralismo ou a transposição direta do leitor moderno para dentro do texto. Defende-se que a verdadeira aplicação das narrativas deve surgir da compreensão de como Deus age na história para redimir seu povo e

* Possui o grau de Ph.D. e é diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), no qual é professor de teologia pastoral e sistemática e coordena o programa de Doutorado em Ministério (D.Min.) na parceria CPAJ/Reformed Theological Seminary. É ministro presbiteriano e pastoreia a Igreja Presbiteriana do Campo Belo.

não apenas da identificação das pessoas com os personagens bíblicos. O artigo conclui destacando que as narrativas bíblicas, ao revelar Deus em ação, são poderosos instrumentos de ensino, consolo e transformação espiritual.

PALAVRAS-CHAVE

Pregação; Narrativas bíblicas; Hermenêutica; História da redenção; Teologia bíblica.

INTRODUÇÃO

A narrativa histórica é um dos meios mais antigos e universais de comunicação humana. Na verdade, todos gostamos de boas histórias.[1] Ao mesmo tempo que entretêm, elas também instruem; empolgam e inspiram; divertem, edificam e moldam nossa percepção de mundo. Desde muito cedo costumamos ouvir e reproduzir belas histórias. Algumas delas transmitem valores éticos, culturais, espirituais e até domésticos. Outras, ainda que visem apenas à recreação, deixam marcas duradouras na memória e no imaginário dos ouvintes. De qualquer maneira, o conteúdo de certas histórias permanece por anos com seus ouvintes que, em determinados momentos, conseguem até lembrar das circunstâncias em que elas foram contadas. Histórias nos acompanham ao longo da vida, oferecendo significado e coesão à experiência humana. Sua força comunicativa reside não apenas no conteúdo, mas também na capacidade de nos envolver emocionalmente e gerar identificação com personagens e situações diversas.

Refletindo sobre esse fenômeno, Christopher J. H. Wright identifica cinco funções fundamentais das histórias na vida humana: *revelação da identidade, coesão comunitária, transmissão de valores morais, enfrentamento da realidade presente com esperança futura e denúncia de injustiças*. Cada um desses tópicos será clarificado a seguir.

Em primeiro lugar, as histórias *revelam aos outros quem somos, ou seja, nossa identidade*. No geral, quando alguém deseja nos conhecer melhor, pergunta pela "nossa história de vida". Nesse caso, relatamos alguns detalhes seletivamente, pois não queremos expor elementos constrangedores a nosso respeito. Todavia, Wright lembra que "como ser humano criado à imagem de Deus, sou muito mais do que minha história de vida. Mas é o relato dessa

[1] Nem toda narrativa bíblica consiste em histórias. Certamente há narrativas históricas na Bíblia, mas há também parábolas, narrativas não-históricas, narrativas proféticas, comédia, tragédia etc. Como o enfoque deste artigo recai sobre as narrativas históricas, em alguns momentos os termos "narrativa" e "história" serão usados intercambiavelmente. Para um estudo mais específico sobre esse assunto, cf. GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 234-236; RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 72-82; GARÓFALO, Emílio. *Pregação e histórias*. Belo Horizonte, MG: Thomas Nelson Brasil, 2025.

história (mesmo que um pedaço minúsculo dela) que ajuda as pessoas a me conhecer, mesmo sem nunca me terem visto antes".[2]

Em segundo lugar, *histórias mantêm as comunidades unidas*. Wright ressalta que "as histórias formam a memória cultural da comunidade".[3] Ou seja, pessoas são unidas por uma experiência comum, quer essa experiência tenha sido agradável ou dolorosa. Muitas nações, por exemplo, lembram e até celebram a participação que tiveram na Segunda Guerra Mundial, lutando como aliados que se opunham a um regime despótico. Essas histórias da comunidade são transmitidas a gerações posteriores com o objetivo de manterem o ideal de unidade de um grupo.

Em terceiro lugar, Wright lembra que *histórias são importantes para transmitir valores morais*. Nesse sentido, elas contêm exemplos de comportamentos benéficos a serem copiados e atitudes negativas a serem evitadas. Assim, desde os contos épicos dos filósofos gregos, às famosas *Fábulas de Esopo*, até as atuais produções da Disney, bem como incontáveis obras contemporâneas, as histórias têm sido usadas para comunicar valores morais à humanidade. Esses valores podem permanecer por gerações.

Em quarto lugar, é importante considerar que *as histórias ajudam a lidar com o presente e cultivam esperança em relação ao futuro*. Chris Wright afirma que "as histórias mais poderosas de qualquer cultura são as que ajudam a dar sentido ao porquê de as coisas serem como são no presente, sobretudo se o presente for doloroso".[4] Ao trazer respostas ao presente, essas histórias também alimentam a esperança de um futuro melhor.

Em último lugar, Wright aponta que *as histórias são veículos benéficos para se denunciar o que está errado*. Isso explica, segundo ele, a popularidade dos veículos de comunicação midiáticos, pois algumas histórias podem "viralizar" nesse meio, e despertar a população para aquilo que necessita ser corrigido na sociedade. Aliás, a Bíblia oferece uma narrativa muito conhecida da confrontação de um rei, feita por um profeta criativo, que utilizou uma intrigante história como instrumento de repreensão. Trata-se do encontro entre o profeta Natã e Davi, quando o rei foi confrontado no caso de seu adultério com Bate-Seba (cf. 2Sm 12.1-15). A habilidade de Natã desarmou o rei, foi instrumental na comunicação da mensagem de condenação e ajudou Davi a compreender a gravidade do seu pecado.

Os pontos acima destacados confirmam que histórias são instrumentos poderosos para influenciar, inspirar e oferecer novas perspectivas ao ser humano.

---

2 WRIGHT, Christopher J. H. *Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 81.

3 Ibid., p. 82.

4 Ibid., p. 83.

Boas histórias cativam nossa imaginação e nos levam a nos identificar com seus personagens, positiva ou negativamente. Certamente por essas e outras razões elas continuam tendo seu destaque nas interações sociais e até na maneira de Deus se revelar à humanidade em sua Palavra escrita, a Bíblia.

A Bíblia é, em grande parte, composta por narrativas. Estima-se que, aproximadamente, 40% do Antigo Testamento e boa parte do Novo Testamento apresentam a verdade revelada por meio de histórias. Esse dado, por si só, já indica a importância das narrativas bíblicas na comunicação do plano redentor de Deus. Ao contrário de meros relatos ou contos morais, as histórias bíblicas são veículos da revelação divina, cujo propósito maior é tornar conhecido o caráter de Deus e sua obra na história da humanidade. Dessa forma, elas não apenas informam, mas transformam, ao envolver o leitor na metanarrativa das Escrituras – a história da criação, queda, redenção e consumação, centrada na pessoa de Jesus Cristo.

No entanto, a leitura das narrativas bíblicas exige mais do que interesse literário ou dedicação devocional. Exige discernimento teológico, atenção à estrutura literária, sensibilidade histórica e, sobretudo, dependência do Espírito Santo. À luz disso, a seguir, propor-se-á uma abordagem integrativa para a leitura das narrativas bíblicas, atentando para três elementos fundamentais – o contexto, os personagens e o enredo – ao mesmo tempo que oferece critérios teológicos e pastorais para a sua aplicação cristocêntrica. Ao fazer isso, pretende-se contribuir para uma leitura mais aprofundada e transformadora das Escrituras, em especial, no ministério da pregação e ensino cristão. Nesse sentido, serão considerados: (1) a função das narrativas na revelação bíblica, (2) elementos fundamentais das narrativas bíblicas, (3) princípios hermenêuticos para a leitura de narrativas e (4) implicações pastorais e homiléticas.

1. A FUNÇÃO DAS NARRATIVAS NA REVELAÇÃO BÍBLICA

Em certo sentido, a Bíblia é um livro de histórias. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento estão repletos de vívidas narrativas sobre épocas distantes, episódios curiosos, costumes e culturas diferentes, bem como personagens intrigantes. No entanto, todas essas narrativas revelam o Deus que intervém no universo por ele criado, transforma vidas e renova a esperança daqueles que nele creem. Dessa maneira, as histórias bíblicas diferem dos relatos comuns e dos contos narrativos clássicos por apontarem para um personagem central incomum e seu plano sublime, ou seja, Deus e a redenção do seu povo. Assim, as histórias bíblicas são narrativas verdadeiras que ressaltam não apenas a vida de uns poucos protagonistas, mas sobretudo o caráter e a obra de Deus em suas vidas. Em outras palavras, as pequenas histórias da Bíblia fazem parte de uma meta-história conhecida como a História da Redenção que descreve a obra de Deus em prol da redenção de pecadores.

Escrevendo sobre as histórias bíblicas, Leland Ryken lembra que elas "variam muito com relação à completude com que são contadas".[5] Algumas parecem mais documentários resumidos, narrando *o que* aconteceu, sem oferecer muitos detalhes de *como* as coisas ocorreram. Para Ryken, nesses casos, as histórias bíblicas obedecem ao impulso documentário do escritor ao invés da inspiração literária em apresentar o *modus operandi* do ocorrido. Essa é uma das razões pelas quais o leitor, geralmente, fica insatisfeito com os detalhes apresentados em alguns desses relatos.

Por outro lado, há narrativas bíblicas que parecem completas, dado o espectro de sua abrangência e os detalhes oferecidos pelo narrador. Nesses casos, Ryken sugere que

> [...] sempre que um narrador da Bíblia vai além do impulso documentário de registrar o que aconteceu e passa a descrever como aconteceu, ele sinaliza, desse modo, que espera que nós, os leitores, compartilhemos uma *experiência* . . . com um ou mais personagens.[6]

Nesse sentido, a influência e poder de uma história se encontra em sua capacidade de envolver os leitores (ou ouvintes) naquilo que está sendo narrado. Como afirma Wright, "uma boa história atrai nosso interesse e imaginação".[7] As histórias bíblicas são ricas desses elementos que conduzem à identificação do leitor com aquilo que foi registrado.

2. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DAS NARRATIVAS BÍBLICAS

Assim como ocorre com as histórias comuns, também as narrativas bíblicas são caracterizadas por três elementos básicos: o contexto, os personagens e o enredo. Logo, para compreender e interpretar corretamente as histórias bíblicas o leitor deve atentar para esses três elementos. Consideremos a importância de cada um, especialmente à luz de algumas histórias bíblicas.

2.1 Contexto

Toda história se passa em um *contexto*, seja este real ou ficcional. De fato, é impossível compreender corretamente qualquer relato se não atentamos para os detalhes do contexto em que ele ocorreu. Melhor ainda, Ryken lembra que os pormenores do contexto formam "uma parte importante da vivacidade concreta pela qual os narradores possibilitam que seus leitores entrem completamente na experiência da história".[8] Esses detalhes podem explicar as ações e

---

5 RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura e aprender mais com ela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 31.

6 Ibid., p. 32.

7 WRIGHT, *Como pregar e ensinar*, p. 85.

8 RYKEN, *Para ler a Bíblia*, p. 33.

reações dos personagens, bem como alguns aspectos da cultura da época. Por exemplo, o estilo nômade dos patriarcas hebreus exigiu que eles habitassem em tendas e que Canaã fosse descrita como a "terra de suas peregrinações" (cf. Gn 17.8; 28.4 e 36.7). Também, o fato de José ter se encontrado com os seus irmãos em uma região distante, repleta de cisternas, possibilitou que eles atentassem contra a vida dele, lançando-o em um daqueles poços sem que ninguém interviesse (cf. Gn 37). Os detalhes do contexto aclaram o enredo da história. Por essa razão, o escritor de Juízes explica o procedimento bárbaro dos israelitas naquele período com a sentença: "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21.25).

O contexto de uma história inclui principalmente o seu cenário geográfico, o tempo em que ela ocorreu e os aspectos culturais destacados pelo narrador. Assim, o cenário pode estabelecer o "tom da história". Por exemplo, compreendemos as dificuldades do povo de Israel na jornada rumo à Terra Prometida ao notarmos que eles peregrinaram pelo "deserto", com escassez de alimentos e água, sob um sol causticante e protegidos pela nuvem enviada pelo Senhor (cf. Ex 13.21-22). Todos esses elementos realçam os obstáculos enfrentados pelo povo e a necessária dependência do Senhor. Igualmente, quando o Espírito levou Jesus para ser tentado pelo diabo, ele enviou Jesus para o deserto, lugar de escassez e privações (cf. Mt 4). Dessa maneira, o cenário geográfico da história revela grande parte do seu significado.

Também, o aspecto temporal, ou ambientação, deve ser considerado com atenção. Por exemplo, a história de Rute será mais bem compreendida ao se observar que tudo se passou "nos dias em que julgavam os juízes" de Israel (cf. Rt 1.1). Aquele período pode ser considerado como a "era das trevas" na história do povo de Deus no Antigo Testamento, pois tudo parecia ir "de mal a pior". O próprio escritor do livro de Juízes explica repetidamente que "naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto" (cf. Jz 17.6 e 21.25). Naquela época em que cada um buscava o seu próprio interesse, um homem de Belém de Judá, por causa da fome em sua região, decidiu levar sua família e habitar na terra de Moabe, sem consultar o Senhor por meio de algum profeta ou sacerdote, pois "cada um fazia o que achava mais reto". Semelhantemente, a "resolução" de Daniel, no primeiro capítulo de seu livro, será mais apreciada pelo leitor se ele perceber que Daniel, quando ainda jovem, havia sido retirado de sua terra natal e levado para o exílio babilônico, onde teve que se adaptar a "novos ares", com idioma, valores, alimento e costumes diferentes. Além do mais, sua condição naquela época não era vantajosa, pois ele não passava de um escravo (cf. Dn 1). Por isso, a fim de compreender melhor as histórias bíblicas, é importante que o leitor possua uma noção da "linha de tempo" em que elas ocorreram. O contexto cronológico pode ser extremamente benéfico nesse sentido.

Por último, o contexto de uma história também inclui seus elementos culturais, ou seja, o conjunto de crenças, costumes e valores de um povo. Sobre isso, Ryken afirma que "sem as informações descobertas pelos eruditos bíblicos acerca das práticas culturais antigas, os leitores modernos tornam-se fortes candidatos a interpretarem as histórias da Bíblia de modo errôneo".[9] Até a crucificação de Jesus necessita ser compreendida a partir de detalhes culturais. Os judeus não sentenciavam à morte pela crucificação, mas por apedrejamento (cf. Ex 19.12-13 e Hb 12.20). A crucificação na cultura judaica era um ato horrendo, pois a Lei dizia ser maldito o que fosse pendurado no madeiro (cf. Dt. 21.23 e Gl 3.13). Todavia, como na época de Jesus os judeus se encontravam sob o poderio romano, a sentença de sua morte por crucificação foi determinada por Pilatos, o governador romano (cf. Mc 15.12-15). É interessante como um simples detalhe cultural da época desvenda um emaranhado de sentidos em uma história! Portanto, para se compreender corretamente as histórias bíblicas o leitor deve ter em mente: contexto, contexto e contexto!

2.2 Personagens

Outro elemento básico de qualquer história diz respeito aos personagens, pois não existe ação se eles não estiveram presentes. Chris Wright está correto ao afirmar que "toda história é sobre alguém".[10] Uma mesma história pode revelar o protagonista (ou personagem central) e aqueles que exercem o papel de coadjuvantes nela (ou personagens secundários). O protagonista de uma história é aquele que produz ou sofre alguma ação e, no desenvolver do enredo, o narrador o usará como personagem principal da história. Ele é o personagem sobre quem o narrador oferece mais detalhes, constrói o enredo ao seu redor e, em alguns casos, o usa como exemplo de alguma lição moral. Logo, o leitor deve estar atento à "maneira como a personagem e o enredo trabalham em conjunto para produzir um efeito completo".[11]

Ademais, uma história também pode trazer personagens secundários, ou coadjuvantes, aqueles cujas ações acabam ressaltando a importância ou participação do personagem central. No geral, os coadjuvantes são apresentados como os que se opõem ou auxiliam o personagem central. Nesse caso, a narrativa de José do Egito claramente coloca os seus irmãos como personagens secundários que, em tal caso, se opõem a ele e aos seus sonhos, sem considerarem que aqueles sonhos eram meios de revelação da vontade divina (cf. Gn 37). Na história de Davi, porém, vemos Jônatas que se aliou a ele, ajudando-o na fuga de Saul, ainda que o rei perseguidor fosse o seu próprio pai (cf. 1Sm 18).

---

9 Ibid., p. 34.

10 WRIGHT, *Como pregar e ensinar*, p. 95.

11 RYKEN, *Para ler a Bíblia*, p. 35.

"O resultado prático", dessa observação, como escreve Ryken, "é que devemos extrair o máximo dos poucos detalhes dados em relação às personagens nas histórias concisas e sem adorno das Escrituras".[12]

O protagonista (ou personagem central) das histórias pode ser introduzido pelo narrador de diferentes maneiras. Alguns são apresentados abruptamente; enquanto outros de forma mais sutil. É possível encontrar algumas pessoas que são apresentadas diretamente no relato bíblico, quando o narrador logo no início da história permite que seus leitores saibam muito bem sobre quem ele está falando, de onde a pessoa é e em qual época ela viveu. Assim, o leitor da história de Davi e Golias é logo informado de que "Davi era filho daquele efrateu de Belém de Judá cujo nome era Jessé, que tinha oito filhos; nos dias de Saul, era já velho e adiantado em anos entre os homens" (1Sm 17.12). Há outras ocasiões, porém, quando a apresentação do personagem é feita de maneira mais sutil. Por exemplo, o apóstolo Paulo, que será protagonista em grande parte do livro de Atos, é apresentado progressivamente, de maneira que o leitor vai se familiarizando aos poucos com sua biografia.

Há personagens que podem ser apresentados a partir de suas ações na história, principalmente aquelas ações virtuosas. Essa alternativa parece ter sido especialmente adotada pelo evangelista Marcos ao apresentar Jesus. Os milagres de Cristo, seus ensinamentos e a reação dos próprios demônios à sua pessoa deixaram claro para os judeus do primeiro século, bem como para o leitor atento do evangelho, que aquela narrativa tratava de Jesus, o Filho de Deus (cf. Mc 1.1). Semelhantemente, o leitor bíblico é informado sobre o personagem central a partir de suas virtudes, seus atos honrosos e, especialmente, sua devoção a Deus.

Todavia, há outros recursos usados para a apresentação de alguns dos protagonistas nas histórias bíblicas. Por exemplo, a reação dos outros indivíduos àquela pessoa logo indica a quem o narrador dedicará mais cuidado ao contar a sua história. Bons exemplos bíblicos nesse aspecto são encontrados no episódio da intriga entre Hamã e Mordecai, no livro de Ester, ou na atitude de Nabucodonosor diante da resolução de Daniel. No caso deste último, é possível ainda notar a reação das outras autoridades babilônicas, que diziam "nunca acharmos ocasião alguma para acusar esse Daniel" (Dn 6.5). Com isso, o narrador destacava a integridade do profeta. Até nos próprios evangelhos é destacado o fato de que as pessoas reagiam ao poder de Jesus dizendo: "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mt 8.27). As reações das pessoas realçavam o protagonista dessas narrativas.

Também, o caráter de qualquer personagem pode ser conhecido por suas falas. As palavras acabam revelando o íntimo de qualquer indivíduo e

12 Ibid., p. 37.

isso não é diferente nas histórias bíblicas. As palavras de Hamã revelaram o seu coração maligno e ardiloso (cf. Et 3.7-12). Por outro lado, as palavras de Rute expressaram suas virtudes, desde sua conversão ao Deus de Israel até a sua decisão de se casar com Boaz (cf. Rt 1 e 3). Certamente, por essa razão, muitas narrativas bíblicas se encontram repletas de discursos dos personagens centrais ou, ao menos, contêm alguns registros de seus pensamentos. Esse recurso literário é muito comum nos diferentes tipos de história.

Finalmente, nossa consideração estaria incompleta se não mencionássemos a autorreflexão do protagonista como uma maneira usada pelo narrador para torná-lo mais conhecido para o leitor. É dessa maneira, por exemplo, que obtemos mais informações sobre o apóstolo Paulo, seus estudos e sua dedicação aos princípios da religião judaica no início de sua vida (cf. At 22 e Gl 1.13-24). Esse recurso autobiográfico é também denominado autorretrato, pois o próprio personagem faz a apresentação de sua história. A eficácia desse recurso é que ele convida o leitor, ou ouvinte, a "entrar na história", interagindo com o que está sendo narrado, especialmente com o seu protagonista.

Com relação às Escrituras, o leitor ainda precisa atentar para o fato de que o verdadeiro Personagem Central de todas as suas histórias é o próprio Deus. Afinal, a Bíblia é a Palavra de Deus e seu objetivo principal é revelar a Pessoa e Obra do Altíssimo. Dessa maneira, cada personagem destacado em uma história, de uma maneira ou de outra, aponta para o Senhor e se torna um instrumento na revelação do propósito de Deus para a humanidade. Alguns farão isso revelando virtudes que só podem ser completas e perfeitas em Deus e outros cumprirão esse propósito ao revelarem defeitos e fraquezas antagônicas ao perfeito Senhor. Por isso, o leitor bíblico necessita estar atento para interpretar corretamente a maneira como os personagens do enredo apontam para Deus. De qualquer forma, as pequenas histórias da Bíblia fazem parte da grande história, a *História da Redenção*.

2.3 Enredo

O último elemento básico de uma história a ser considerado é o enredo. Este diz respeito à "sequência coerente de acontecimentos interrelacionados que contenha começo, meio e fim".[13] Logo, o enredo é o roteiro, ou seja, a disposição dos acontecimentos em uma história. Um bom enredo é intrigante e mantém o interesse do leitor (ou ouvinte) pelo suspense, surpresas ou situações de choques. Enfim, um bom roteiro manterá acesa a curiosidade do ouvinte (ou leitor) da história. Assim, o leitor deve estar, continuamente, atento para compreender o que acontece nessa história e como uma coisa conduz à outra.

13 Ibid., p. 38.

Cada história possui o seu próprio enredo, mas, no geral, todo enredo compartilha de algumas partes comuns. Primeiro, há a situação inicial, ou seja, a apresentação de vários aspectos da vida comum de alguns personagens. Depois há a apresentação de algum elemento complicador. Esse elemento pode ser um problema, conflito, perigo ou complicação. Geralmente é a partir desse ponto que a história se desenvolve e seus personagens se tornam mais bem conhecidos. Logo, o leitor deve estar sempre atendo para a maneira como o elemento complicador é apresentado ou organizado pelo narrador da história, a fim de acompanhar o desenvolvimento do enredo corretamente. Em terceiro lugar, o enredo também inclui a tentativa de alguém solucionar um problema, o que, algumas vezes, pode gerar mais problemas e com isso a história se desenvolve. O outro elemento do enredo é o clímax, ou seja, o momento no qual o a narrativa atinge o seu ponto de maior tensão e, finalmente, uma solução é apresentada. Por último, há o desfecho da história, no qual os personagens acabam se adaptando a um "novo normal" em suas vidas.

Ryken denomina o elemento complicador como conflito e, segundo ele, "a essência do enredo é o conflito central ou conjunto de conflitos que caminham em direção a uma solução".[14] Esses conflitos (ou problemas) podem ser de ordem física. Por exemplo, a fome na Terra Prometida que motivou Abrão a descer ao Egito, onde a integridade de sua esposa correu perigo (cf. Gn 12) ou a prosperidade no campo do homem louco na parábola de Jesus que o levou a pensar que poderia descansar em um futuro sem Deus (cf. Lc 12.16-20). Os conflitos físicos são comuns nas histórias bíblicas, pois seus personagens estão, continuamente, lutando pela sobrevivência física em uma região árida e inóspita. Na história de Rute, por exemplo, o narrador usa o conflito físico para explicar a mudança da família de Elimeleque para a terra de Moabe (a fome em Belém) e o retorno de Noemi e Rute para a Judeia (a bênção e prosperidade do Senhor na região de Belém). Nas histórias bíblicas, os problemas físicos geralmente revelarão o cuidado e a providência do Deus que intervém na vida do seu povo.

Há, ainda, os enredos construídos ao redor dos problemas entre os personagens. Essas histórias parecem ser as mais comuns nas Escrituras, pois desde o início temos Caim e Abel, Isaque e Ismael, Esaú e Jacó, José e seus irmãos, Saul e Davi, Elias e Acabe, e assim por diante. Assim, é possível notar que uma boa maneira de se organizar o roteiro de uma história é apresentar os acontecimentos por meio do conflito entre seus personagens.

No caso das histórias bíblicas, duas coisas importantíssimas devem ser consideradas. Primeiro, de modo diferente de outras histórias comumente narradas, seus enredos retratam conflitos cuja natureza é, principalmente,

---

14 Ibid.

espiritual e moral. De certa maneira é correto afirmar que toda a história bíblica é a descrição de um enorme conflito espiritual entre a "descendência da serpente" e a "descendência da mulher", ou entre os "filhos das trevas" e os "filhos da luz". Os acontecimentos que envolvem os personagens bíblicos nunca são o foco principal da história; eles possuem um pano-de-fundo espiritual e não apenas descrevem um acontecimento real, mas apontam para uma realidade transcendental. Assim, os enredos das histórias bíblicas só podem ser compreendidos sob uma perspectiva doutrinária.

Em segundo lugar e, em consequência do que foi dito acima, as narrativas bíblicas fazem parte de uma meta história, única e abrangente, que compreende a criação e a consumação de todas as coisas. As histórias da Bíblia são partículas, pequenas narrativas, que possuem unidade com a História da Redenção, a qual inclui criação, queda, redenção e consumação. Wright resume muito bem esse aspecto ao explicar:

> Às vezes, isso é chamado de metanarrativa bíblica. Isso significa que é a narrativa que fica acima de todas as outras histórias da Bíblia e as inclui dentro de si. É o guarda-chuva que abrange a mensagem das Escrituras. E você pode ver que ela tem um princípio (criação) e um fim (nova criação, que na verdade, é um novo princípio). Também, é possível notar que, bem no centro, como o ponto fundamental de toda a história, se encontra o Senhor Jesus Cristo e aquilo que Deus fez por meio dele.[15]

Ainda que usando outras palavras, Gordon D. Fee e Douglas Stuart defendem o mesmo conceito ao afirmarem que as histórias bíblicas são contadas em três níveis: superior, intermediário e inferior (ou narrativas individuais). Essa distinção é para que o leitor se lembre de que "cada narrativa individual do Antigo Testamento (no nível inferior) é pelo menos parte da narrativa maior da história de Israel no mundo (nível intermediário), que por sua vez faz parte da narrativa ulterior da criação por Deus e da sua redenção dela (nível superior)".[16] Dessa maneira, ambas as obras concordam que cada pequena narrativa da Bíblia só pode ser corretamente compreendida à luz da História da Redenção. Consequentemente, todos os relatos históricos apontam para Jesus, pois ele é o centro das Escrituras.

Em resumo, para se ler a Bíblia como história é importante considerar os variados elementos comuns das narrativas e contos gerais: o contexto, os personagens e o enredo. Mesmo assim, é necessário ter em mente que as histórias bíblicas diferem das outras em muitos aspectos. Por exemplo, elas são singulares quanto ao seu propósito (revelar Deus e suas obras), sua mensagem

---

15 WRIGHT, *Como pregar e ensinar*, p. 78.

16 FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 65.

central (Jesus Cristo, o Senhor e Salvador) e seu apelo aos leitores (o desafio em prol da mudança de vida). Portanto, as narrativas bíblicas não intentam apenas gerar interesses, mas produzir transformação na vida de seus leitores e ouvintes.

3. PRINCÍPIOS HERMENÊUTICOS PARA LEITURA DE NARRATIVA

No geral, as histórias bíblicas pertencem à categoria literária de narrativas. No entanto, há outros gêneros usados na transmissão dessas histórias, tais como, parábolas, poesias e os evangelhos. Mas, de fato, o mais predominante é encontrar as histórias bíblicas no formato de narrações. Alguns estudiosos calculam que 40% de todo o Antigo Testamento consiste em narrativas e o Novo Testamento ainda possui outros escritos que também contam para o aumento dessa porcentagem.[17] Esse detalhe é tão significativo que Tarcízio Carvalho se refere à Bíblia como sendo "uma narrativa teológica".[18]

O fato da revelação de Deus ter sido apresentada, principalmente, por narrativas é significativo. Como bem nos lembra Sidney Greidanus, "a proeminência do gênero narrativo na Bíblia está relacionada à mensagem central da Bíblia, que é o fato de Deus operar na *História*".[19] Assim, ao ler e estudar as histórias bíblicas é imprescindível que atentemos para o detalhe de como elas apresentam o Senhor: Deus em ação. Nelas ele é revelado como o Deus que intervém de maneira extraordinária na vida de pessoas ordinárias. Além de ser pedagógico, esse fato também é consolador.

No entanto, ao ler as narrativas bíblicas, o leitor deve considerar algumas verdades práticas que o ajudarão a aproveitar melhor as riquezas desse estilo literário. Por isso, alguns cuidados devem ser observados no estudo das narrativas bíblicas.

O primeiro cuidado diz respeito à necessidade de que toda abordagem das Escrituras deva ser precedida pela oração, e o estudo das narrativas bíblicas não é diferente. Sempre que se quer compreender a perspectiva do autor de uma obra acerca daquilo que foi escrito, a melhor estratégia é perguntar ao próprio autor e não a outro. Nesse caso, se queremos realmente entender as Escrituras, necessitamos do auxílio do seu autor, o Espírito Santo, que moveu homens santos a falarem e escreverem da parte de Deus (cf. 2Pe 1.21). A esse respeito, o puritano britânico John Owen, nos faz uma excelente advertência ao escrever:

---

17 Ibid., p. 63; CARVALHO, Tarcízio José de Freitas. Orientações para a interpretação de narrativas bíblicas. *Fides Reformata* XVI, n. 1 (2011), p. 107.

18 CARVALHO, Orientações para a interpretação de narrativas bíblicas, p. 108.

19 GREDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 231.

> Devo dizer que para um homem se lançar à interpretação de qualquer porção das Escrituras, de uma maneira solene, sem *invocar a Deus* a fim de ser ensinado e instruído por seu Espírito, é uma alta provocação a Deus; também não espero que alguém que dessa forma se dedica cheio de orgulho a um trabalho tão acima de suas habilidades encontre a verdade.[20]

Logo, a primeira coisa a fazer no estudo das narrativas bíblicas é iniciar com a súplica pela iluminação do Espírito Santo. Dale Ralph Davis corrobora com essa verdade ao enfatizar que "quando usamos ferramentas [hermenêuticas], mas ao mesmo tempo ignoramos o Senhor, nossas ferramentas se tornam ídolos".[21]

O segundo cuidado a ser tomado é atenção ao fato de que Deus *sempre* é o personagem central das narrativas. Sendo a Bíblia a revelação escrita de Deus, seu foco principal é o Senhor e o plano dele para a humanidade. Dessa maneira, o leitor bíblico deve ter cuidado com a *hermenêutica da transposição*, ou seja, aquela prática de ler o texto bíblico e imediatamente pensar que aquele texto foi escrito diretamente para ele e descreve "exatamente" sua situação. Esse costume de estabelecer uma conexão direta entre o texto bíblico e a situação do leitor, sem nem ao menos considerar o que o texto revela sobre Deus, não é apenas ingênuo: é nocivo. Ao fazer isso, o leitor comete o erro de pensar que *ele* é o personagem principal no plano redentor de Deus. Nesse sentido, muitos usam a Bíblia com um livro de "autoajuda" ao invés abordá-la como a revelação de Deus sobre si mesmo e seus desígnios para a humanidade. Alguns leitores até se identificam com a história bíblica a ponto de incorporarem o enredo dela em suas vidas diárias. Porém, o propósito de uma história como a de José, Jó, Elias, Daniel e tantos outros personagens bíblicos não é que o leitor bíblico transponha os sofrimentos e alegrias daquelas pessoas para sua situação, mas que ele compreenda como Deus se revelou naquelas narrativas. É possível ressaltar os princípios revelados em cada narrativa e interpretá-los à luz da História da Redenção para que sejam aplicados corretamente ao leitor contemporâneo. Assim, a principal pergunta a ser feita não é "o que esse texto tem para mim?", mas "o que esse texto revela sobre Deus?" e "como essa verdade sobre o Senhor me ajuda a enfrentar as dificuldades contemporâneas?". Quando compreendemos esse princípio, conhecemos melhor o Senhor e somos instruídos e confortados pelo que a narrativa ensina sobre o nosso Deus.

Em terceiro lugar, o leitor das narrativas bíblicas deve buscar a mensagem central enfatizada pelos escritores delas. Essa etapa implica em que o leitor bíblico procure interagir com o escritor sagrado. Certamente, os escritores

---

20 OWEN, John. Pneumatology or Discourse Concerning the Holy Spirit. *The Works of John Owen*, ed. William H. Goold, vol. 4. Carlisle, PA: The Banner of Truth, 1995, p. 204-205.

21 DAVIS, Dale R. *The Word Became Fresh*. Ross-shire, Scotland: Christian Focus Publications Lld., 2006, p. 2.

bíblicos estavam perfeitamente conscientes de contarem histórias que revelavam a verdade imperativa da ação de Deus na história humana, bem como as esperanças e falhas da nação de Israel. Logo, é necessário atentar cuidadosamente para os detalhes literários empregados pelos escritores sagrados. Nesse aspecto, D. Ralph Davis nos auxilia com o seguinte argumento: "Deus nos deu sua Palavra na forma de literatura, parte da qual consiste em narrativas; assim, devo usar todas as ferramentas disponíveis para compreender essa literatura".[22] E o próprio Davis sugere que o leitor interaja com o escritor bíblico por meio de perguntas dirigidas ao texto. Além de simples, esse método é muito prático, podendo ser empregado por qualquer estudioso das Escrituras. Algumas perguntas básicas ajudam na descoberta da mensagem central da história estudada. Por exemplo, o leitor pode perguntar o "porquê", ou seja, qual a intenção do escritor sagrado ao fazer o registro daquela passagem bíblica. Como já foi dito, no geral a intenção do escritor é teocêntrica, pois ele quer revelar algo sobre Deus, e por isso Walter Kaiser aconselha que "nunca erraremos se focalizarmos em Deus, suas ações e seus mandamentos".[23] Algumas vezes essa intenção é facilmente declarada pelo próprio escritor, mas nem sempre. Logo, sempre se exigirá a atenção do leitor bíblico. Dificilmente compreendemos a mensagem do texto sem entender o propósito para o qual ele foi escrito.

Em seguida, é necessário perguntar "onde" tudo ocorreu, ou seja, o contexto da história. Assim como toda frase fora do contexto acarreta problemas para o intérprete, a mensagem das narrativas bíblicas está diretamente relacionada ao contexto de seus eventos. Por isso, o leitor bíblico deve procurar observar o relato que antecedeu a passagem que está sendo estudada, bem como aquele que a sucede. Já mencionamos a importância do contexto para as narrativas e, por isso, não precisamos elaborar demasiadamente sobre esse assunto. Mas o leitor bíblico deve procurar compreender o lugar que a narrativa ocupa na História da Redenção, qual era a situação religiosa, cultural e política em que os eventos narrados ocorreram e assim por diante.

Também, no intento de encontrar a mensagem da narrativa, o leitor pode perguntar "como" e essa interrogação tem a ver com a estrutura da história narrada. Em outras palavras, como o escritor bíblico "empacotou" sua mensagem na estrutura de sua narração? Ele utilizou o relato de uma crise para apresentar sua mensagem? Sua história possui um clímax ou ela ocorre calmamente sem surpresas? Considerando que uma história é uma sequência de cenas, em qual cena ele apresenta sua mensagem principal? Há relatos dramáticos ou a narrativa se ocupa basicamente de elementos documentários? O fato é que ao considerar a estrutura da narrativa o leitor poderá atentar para algumas nuances

---

22 Ibid., p. 3.

23 KAISER JR., Walter C. *Preaching and Teaching from the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Baker, 2003, p. 57.

que na leitura apressada não serão observadas e isso o ajudará a compreender a mensagem central da história estudada.

Na interação com o texto e na busca pela mensagem, ele necessita investigar "o que", ou seja, o que está sendo narrado pelo escritor sagrado? Qual é o conteúdo apresentado por ele? Muitas vezes estamos tão apressados na leitura bíblica que acabamos impondo nossas ideias sobre o texto estudado ao invés de observar o que está sendo apresentado pelo escritor bíblico. A própria narrativa deve ser o ponto de partida para a compreensão do seu significado, ao invés de se "importar" algo ao texto. Os próprios elementos da história são as orientações para o seu significado. Sempre existirão algumas pistas ou indicativos na história ou em seu contexto imediato para nos ajudar nesse sentido. Sobre isso, Tremper Longman III sugere que o conteúdo de uma narrativa bíblica geralmente obedece ao seguinte padrão: a) informação panorâmica (exposição), b) crise (complicação), c) solução (intervenção) e d) conclusão (descrição de uma nova realidade).[24] Também, nesse processo de compreender melhor o conteúdo, o leitor deve estar atento para as repetições de palavras, frases ou ações dos personagens da história. Ainda é preciso que ele esteja atento às mudanças apresentadas no modo de narração e nos diálogos registrados pelo escritor bíblico. Em suma, tudo o que o leitor deve fazer é ser cuidadoso em suas observações dos detalhes, pois eles serão fundamentais no processo de identificação do conteúdo da narrativa.

Finalmente, no processo de busca da mensagem da narrativa, o leitor precisa empregar a pergunta "e daí?". Ou seja, que diferença isso faz? Essa pergunta diz respeito à aplicação da mensagem à vida do leitor e o ajuda a apropriar-se da verdade bíblica em seu cotidiano. Essa pergunta busca não apenas aprender (compreensão), mas apreender (absorção) o ensino de Deus por meio da história. O que Deus, por meio das narrativas, falou "muitas vezes" (Hb 1.1) ao seu povo e, ao mesmo tempo, quer me ensinar hoje nesse texto? Afinal, "toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2Tm 3.16). Nesse processo, porém, é importante que a aplicação seja, primeiramente, direcionada à esfera pessoal ao invés de ser usada apenas para corrigir as falhas de outros.

Retomando nossa lista de cuidados a serem tomados no estudo das narrativas bíblicas, o quarto e último cuidado a ser considerado é a conexão cristocêntrica da narrativa bíblica. O Senhor Jesus ensinou que toda a Escritura testifica dele e seu método de interpretação do Antigo Testamento utilizado com os discípulos no caminho de Emaús foi, certamente, cristocêntrico (cf. Jo 5.39 e Lc 24.27). Portanto, ao estudar as narrativas bíblicas o crente deve buscar compreender a conexão delas com a pessoa e obra de Jesus. Ao fazer

---

24 LONGMAN III, Tremper. *Literary Approaches to Biblical Interpretation*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987, p. 92.

isso, porém, não se pode "enfiar" ou "forçar" Jesus na narrativa e nem desconsiderar os aspectos históricos nela contidos. Muitas pessoas correm o risco de distorcer o significado do texto examinado e, por isso, acabaram espiritualizando a narrativa a fim de encontrarem Jesus nela. Essas atitudes certamente não honram a Cristo e não fazem jus a uma boa interpretação cristocêntrica. Antes, se considerarmos que a História da Redenção se descortina gradualmente nas Escrituras, entenderemos que cada pequena história faz parte dessa história maior e vários detalhes nos enredos e personagens da narrativa apontam para a pessoa e obra de Jesus Cristo. Esses pontos de conexão funcionam como placas indicadoras em uma rodovia anunciando o destino do viajante. Na medida em que ele progride em sua jornada, será sempre lembrado de onde a rodovia o conduzirá!

4. IMPLICAÇÕES PASTORAIS E HOMILÉTICAS

As narrativas bíblicas não são apenas textos antigos a serem decifrados; elas são instrumentos vivos de edificação e ensino para a igreja contemporânea. Sua aplicação pastoral e homilética exige sensibilidade teológica, prudência hermenêutica e compromisso com a centralidade das Escrituras. A maneira como pregadores, professores e conselheiros abordam essas histórias impacta diretamente a forma como o povo de Deus compreende a atuação divina na história e em sua própria vida.

Em primeiro lugar, é fundamental reconhecer que as narrativas bíblicas comunicam sua mensagem, na maioria das vezes, de maneira indireta.[25] Elas não oferecem proposições teológicas sistematizadas, como nas epístolas, mas sim verdades encarnadas em experiências humanas. Como afirma Greidanus, "a mensagem da narrativa histórica é, pelo menos parcialmente, a história que ela diz".[26] Isso exige que o leitor (e especialmente o expositor) atue como um intérprete sensível, capaz de discernir a intenção do autor e a estrutura do texto para extrair os princípios teológicos subjacentes. As narrativas, portanto, devem ser lidas com atenção à sua forma literária: seus silêncios, tensões, repetições e clímax são parte da mensagem que Deus deseja comunicar.

Além disso, deve-se evitar o erro comum de transformar cada personagem em um modelo moral absoluto. Nem todo comportamento descrito nas Escrituras é aprovado implicitamente por Deus. O pregador deve deixar claro que nem tudo que é *descrito* é *prescrito*. Muitas vezes, os textos narrativos servem justamente para denunciar pecados, alertar contra decisões equivocadas ou expor a fragilidade da condição humana. Algumas vezes a narrativa objetiva demonstrar o que *não* deve ser praticado e como as pessoas *não* devem tentar

---

25 GOLDSWORTHY, Graeme. *Pregando toda a Bíblia como Escritura cristã*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013, p. 225-240.

26 GREIDANUS, *O pregador contemporâneo*, p. 236.

se relacionar com Deus. Nesse sentido, histórias como as encontradas no livro de Juízes revelam a degradação espiritual do povo de Israel e a necessidade urgente de redenção.[27] A leitura pastoral deve, portanto, distinguir entre *descrição* e *prescrição*, e conduzir os ouvintes ao arrependimento e à fé, e não apenas à imitação superficial.

Também é necessário advertir contra o uso das narrativas como mero suporte para temas doutrinários sem contexto. Ainda que ilustrem importantes verdades teológicas – como a soberania de Deus, a justificação pela fé ou a providência divina –, as narrativas não devem ser forçadas a se tornarem tratados dogmáticos. Por exemplo, o episódio do adultério de Davi com Bate-Seba ensina muito sobre pecado, a quebra do sétimo mandamento, arrependimento, disciplina divina e graça restauradora, mas não sistematiza toda a doutrina da santidade. A função da narrativa é apresentar essas verdades por meio de um drama histórico real, convidando o leitor à reflexão e transformação e não a desenvolver uma sistematização da doutrina.

Na homilética, isso implica que o pregador deve se perguntar não apenas o que o texto "diz", mas o que ele "faz", ou seja, qual é sua "função" e "uso". Qual é o impacto pretendido da narrativa? Ela desperta temor, consolo, esperança, convicção de pecado? A boa pregação narrativa deve recriar a experiência do texto, levando os ouvintes a sentirem o peso dos conflitos, a esperança da intervenção divina e a maravilha da graça revelada.[28] Nesse processo, o pregador não pode perder de vista a unidade bíblica e a centralidade de Cristo. Todas as narrativas apontam para ele, como cumprimento das promessas de Deus e agente da salvação definitiva.[29]

Em suma, as narrativas bíblicas devem ser tratadas com reverência, habilidade exegética e sensibilidade pastoral. Elas não são simples ilustrações, mas veículos da revelação divina. Há alguns riscos hermenêuticos que devem ser evitados e precisam estar sempre no radar do crente, especialmente do pregador, que deseja honrar o Senhor no estudo e exposição desse gênero literário. A tarefa do pregador é ser um intérprete fiel e um mensageiro eficaz, conduzindo a igreja a contemplar o Deus que age na história e a responder com fé, arrependimento e obediência. Dessa forma, as Escrituras narrativas cumprirão seu papel no crescimento espiritual do povo de Deus e na proclamação do evangelho em todas as gerações.

---

27 BLOCK, Daniel. *Juízes e Rute*: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2024, p. 1-65.

28 Greidanus apresenta várias sugestões para esse fim. Cf. GREIDANUS, *O pregador contemporâneo*, p. 255-269.

29 GREIDANUS, Sidney. *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019; CLOWNEY, Edmund. *Pregando Cristo em toda a Escritura*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

CONCLUSÃO

Conforme afirmado no início deste estudo, todos gostamos de histórias. Elas nos envolvem, formam e transformam. Talvez por isso, as narrativas bíblicas exerçam um fascínio tão duradouro sobre os leitores e ouvintes, desde os primeiros contatos nas classes de Escola Bíblica Dominical até as exposições mais elaboradas em púlpitos e salas de aula. Essas histórias não apenas comunicam verdades; elas moldam nosso modo de ver o mundo, interpretar a vida e responder ao chamado de Deus.

Contudo, é necessário ir além do apreço superficial por suas tramas e personagens. Precisamos desenvolver uma leitura teológica, literária e pastoralmente sensível das narrativas bíblicas. Isso implica reconhecer sua inserção na metanarrativa da redenção, compreender seus elementos estruturais – contexto, personagens e enredo –, aplicar princípios hermenêuticos consistentes e, acima de tudo, buscar nelas a revelação progressiva do caráter e dos propósitos de Deus, culminando na obra de Jesus Cristo.

Este artigo procurou oferecer orientações introdutórias para essa tarefa, mostrando que as narrativas bíblicas são meios ricos e eficazes de comunicação da verdade divina. Elas não são meramente ilustrativas ou moralizantes, mas expressões vivas do agir de Deus na história, registradas para proclamação, instrução, exortação e consolo do seu povo.

Com esses princípios em mente, podemos retornar aos textos narrativos com uma nova perspectiva. Ao lermos, por exemplo, a história de Rute – uma mulher estrangeira, viúva e vulnerável, que encontra redenção nos campos de Judá – somos convidados a enxergar muito mais do que um relato comovente. Percebemos o retrato de um Deus fiel, que atua soberanamente em meio à dor, conduz pessoas comuns ao centro de seu plano eterno e aponta para o Redentor final, Jesus Cristo.

Que nossa próxima leitura de uma narrativa bíblica nos conduza à melhor compreensão da mensagem de Deus para seu povo. Que possamos mergulhar nas narrativas bíblicas com reverência, responsabilidade e alegria, reconhecendo nelas a voz do Deus vivo que continua a falar com o seu povo pelas Escrituras.

ABSTRACT

This article addresses the reading of biblical narratives from a theological and literary perspective, aiming at their proper interpretation and application, especially in preaching. It begins with the observation that human beings are naturally drawn to stories, which play fundamental roles such as shaping identity, fostering community cohesion, transmitting moral values, interpreting reality, and exposing injustice. Biblical narratives, however, differ from ordinary stories in that they are part of a greater metanarrative: the story of

redemption, centered on the person of Jesus Christ. The article argues that every biblical narrative should be understood within this redemptive framework and proposes that three essential elements guide their reading: context (geographical, temporal, and cultural), characters (with emphasis on God's centrality), and plot (with its conflicts and resolutions pointing to spiritual realities). It also presents a reading methodology that includes prayerful dependence on the Holy Spirit, attention to theocentric purpose, analysis of literary structure and content, and thoughtful application. Furthermore, the text warns against reductionist approaches, such as moralism or the direct transposition of the modern reader into the narrative. It affirms that proper application arises from understanding how God acts in history to redeem his people, rather than from mere identification with the characters. The article concludes by highlighting that biblical narratives, as they reveal God in action and are powerful tools for teaching, consolation, and spiritual transformation.

KEYWORDS

Preaching; Biblical narratives; Hermeneutic; Redemption history; Biblical theology.